

Cicloturismo na Vivência do Espaço

EIXO: SOCIEDADE/NATUREZA

MODALIDADE: Oral, Com publicação de resumo expandido

Cicloturismo na vivência do espaço

Thiago de Andrade Águas – Universidade Estadual de Maringá

th-andrade@hotmail.com

Eduardo Simões Flório de Oliveira – Universidade Estadual de Maringá

eduflorio@gmail.com

Jean Felipe de Bona Stahlhoefer¹ – Universidade Estadual de Maringá

herrstahlhoefer@gmail.com

Resumo

Com a facilidade e a rapidez dos meios de locomoção nos dias atuais, o espaço passa a ter um papel secundário na percepção e vivência. Na geografia, torna-se importante esta análise no momento em que o estudo em sala de aula torna-se real e aplicável em nossas vidas. Contudo, a ideia do trabalho não é apenas correlacionar aspectos físicos e sim vivências-los, torná-los presente na vida das pessoas, seja ela trabalhador ou pesquisador. O ciclo turismo entra a partir daí, no momento em que a compreensão do espaço passa a ser obtido não apenas no conhecimento adquirido, mas também no conhecimento vivido na prática, gerando maior relação homem – meio.

Palavras-chave: Ciclo Turismo, Geografia do Turismo, Espaço vivenciado.

Objetivos

Foi baseado em experiências vividas com o cicloturismo, em pequenas viagens, que a ideia deste artigo veio à tona. Das observações que foram feitas, da prática, das pessoas que conhecemos e conversamos ao longo do percurso e principalmente na situação em que nos encontramos, percebemos que o espaço, muitas vezes percorrido todos os dias, não é percebido com os seus devidos aspectos físicos e sociais. Houve dificuldade para a elaboração do trabalho, pois, devido a escassez de material sobre o assunto abordado, não conseguimos ter base ou mesmo uma linha a se seguir. Portanto o uso de experiências para concebermos algumas observação e chegarmos em linha mais concreta e apresentar esta trabalho foi o foco do estudo.

O cicloturismo se faz importante na percepção do espaço geográfico porque quando o praticamos, sentimos mudanças das características a nossa volta como, por exemplo, o tempo, a topografia, o uso do solo, os tipos de solo, estrutura geomorfológica, atividades econômicas, cheiros, entre outros. Isso se torna possível quando estamos em uma velocidade baixa e podemos captar muito do que esta a nossa volta. Quando viajamos com meios de transporte de maior velocidade, não percebemos algumas mudanças na paisagem devido à velocidade do meio de transporte utilizado.

¹ Bolsista PIBIC/CNPq

Isso se deve a compressão do espaço-tempo. Por conta das inovações dos transportes, o homem tem conseguido cobrir maiores distancias em um menor tempo, e o espaço que vem sendo usado mais intensamente. Toda via, o que chama a atenção é se, com essa compressão do tempo e do espaço, nós estamos acompanhando esse ritmo, sem deixar de sentir algumas peculiaridades. É com o cicloturismo que buscamos uma nova proposta para vivenciar os sentimentos dos territórios que transpomos. Não apenas com o objetivo de chegar de um ponto a outro, mas também nos integrarmos totalmente com o meio em que estamos inseridos momentaneamente no decorrer de uma viagem ou passeio. No banco da bicicleta, vemos o mundo em outra velocidade sem nos isolar do meio em que estamos através de vidros. A criação de ambientes artificializados nos meios de transporte cria barreiras na interação com o espaço natural ou ocupado.

Referencial teórico

Esse estudo vai contra alguns paradigmas da geografia e de outras ciências que muitas vezes se distanciam de seu objeto de estudo, provocando contradições. Frequentemente o pesquisador perde valor na discussão teórica por não estar imerso ao seu objeto de estudo e não ter real noção da realidade que procura pesquisar, criando teorias muitas vezes contestadas na prática.

Edgar Morin (2000) em seu livro “Os sete saberes necessários a educação do futuro” afirma que

“O todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas umas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo” (MORIN, 2000, p. 37)

Seccionar o objeto de estudo através da rápida análise do espaço nos limita a observação do quase nada e nos tira o foco da apreciação. O cicloturismo como prática leva-nos para perto da vivência do espaço, traz-nos o todo como forma de um só, e não os trabalhando isoladamente, sem ligação alguma.

A questão de trabalhar o todo como um objeto de estudo nos remete a Pascal.

“Sendo todas as coisas causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes mediatas e imediatas, e sustentando-se todas por um elo natural e insensível que une as mais distantes e as mais diferentes, considero ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tampouco conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes ” (PASCAL, 1976, apud MORIN, 2000, p.37)

Metodologia

O espaço tratado no presente trabalho é baseado nas ideias de Milton Santos, que afirma que a

"Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e a natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima" (SANTOS, 2006, p.66).

Adaptando o termo "animar" para o presente trabalho, o cicloturismo dentro da geografia é uma forma de vivenciar aquilo que se está vendo, seja ela em seus aspectos físicos ou sociais. Uma pessoa que tem em mãos a bicicleta como meio de transporte, leva um tempo relativamente maior para se locomover, e esse tempo pode ser usado a seu favor na análise do espaço e suas respectivas indagações.

Tudo sobre duas rodas passa a ser relevante na análise de uma pessoa comum, sendo ela o clima, as formas do espaço, o tipo de vegetação ali presente, entre outros das quais farão parte de seu cotidiano. Já o geógrafo, com o conhecimento prévio proveniente dos estudos, consegue observar esses espaços de forma que, ao trabalhá-los em todo o percurso observando cada detalhe, cada distinção da paisagem como um todo e não apenas uma área específica e isolada. Muitas vezes a visão de um geógrafo se torna limitada, porém, o cicloturismo proporciona uma visão ampla de uma análise rápida e encantadora do meio natural ou artificial.

Esse "animo" na qual adaptamos das palavras de SANTOS (2006) nos remete a algo prazeroso, que vai além de trabalhos positivistas. O cicloturismo nos proporciona ir a campo levando um tempo mais longo, porém, com a observação das peculiaridades paisagísticas naturais ou antrópicas. SANTOS (2006) nos foca na ideia de que "o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente" (p, 67). O cicloturismo nos dá a liberdade de reviver aquilo que muitas vezes não está vivo.

Resultados

É na presença da bicicleta na locomoção entre lugares distintos que o ponto de partida para a vivência do lugar é dada. A produção das pesquisas, apesar de seu foco de estudo, torna-se mais interessante no momento que você está presente no seu meio, sem contextualizá-lo. O que nos levou a realização do trabalho foi, além da prática da atividade, foi a vontade de conhecer o novo, de experimentar que até então foram vistas em sala de aula ou mesmo em saídas de campo, com objetivos pré-estabelecidos.

Uma melhor inserção no espaço geográfico e suas peculiaridades com a oportunidade de conhecermos melhor o espaço que estamos vivendo. Conhecendo o lugar, podemos senti-los de diversas formas e experimentar de diversas formas, com os mais variados objetivos. A cognição que nos é adquirida vem sendo formada ao longo das nossas vidas, só nos resta comparar essas experiências com as situações cotidianas. É o que o ciclo turismo nos proporciona, vivenciar uma experiência. Tentar definir as experiências que se passaram de forma tão viva seria diminuí-las com apenas palavras.

Referência

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

MORIN, Edgar, **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / Edgar Morin ; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.